



EXPERIÊNCIAS DA CRIANÇA COM OS FATORES DE POLIDEZ, CORTESIA E ATENUAÇÃO

CHILD'S EXPERIENCES WITH POLITENESS, COURTESY AND ATTENUATION FACTORS

Marlon Remboski de Souza¹ (UPF)

RESUMO

Neste artigo, tem-se por objetivo analisar a relação da criança com os fatores de polidez, cortesia e atenuação quando estes estão presentes ou ausentes na fala daqueles com quem a criança conversa e de que modo isso influencia o dizer da criança. Para tanto, utilizam-se princípios da Linguística Interacional, principalmente Briz (2006), a fim de trabalhar-se com atenuação e cortesia, Brown e Levinson (1987), com foco na polidez, e Goffman (2011), na questão da ameaça à e preservação da fachada. Analisam-se dois recortes enunciativos constituintes de interações conversacionais de uma criança de 2 anos, 7 meses e 3 dias com as pessoas de seu convívio. A análise dos recortes revela um deslocamento da criança via linguagem devido à sua capacidade de analisar a intervenção do outro em diferentes situações conversacionais e a partir disso derivar os comportamentos adequados para aquela situação vivida. A criança constrói seu discurso sempre em relação ao outro com quem interage, e suas escolhas serão mais ou menos polidas dependendo da postura assumida por esse outro.

Palavras-chave: Interação. Preservação da fachada. Aquisição da linguagem.

ABSTRACT

In this paper, one's objective is to analyze the relation of the child with the factors of politeness, courtesy and attenuation when they are present or absent in the speech of those with whom the child talks and in what way this influences the child's saying. In order to do so, one uses principles of Interactional Linguistics, especially Briz (2006), in order to work with attenuation and courtesy, Brown & Levinson (1987), focusing on politeness, and Goffman (2011) on the issue of face-threat and face preservation. One analyzes two enunciative fragments constituents of conversational interactions of a child 2 years, 7 months and 3 days old with the people of her conviviality. The analysis of the fragments reveals a displacement of the child via language due to its ability to analyze the intervention of the other in different conversational situations and from there derive the appropriate behaviors for that situation. The child constructs her speech always in relation to the other with whom she interacts, and her choices will be more or less polite depending on the posture assumed by that other.

Keywords: Interaction. Face preservation. Language acquisition.

¹ Graduando em Letras, Português-Inglês, e suas Respectivas Literaturas. Bolsista de Iniciação Científica CNPq, sob orientação da Profa. Dra. Marlete Sandra Diedrich. Integrante do grupo de pesquisa do Cnpq Nalíngua. E-mail: 151145@upf.br



1 INTRODUÇÃO

A conversação é a prática social mais comum diária do ser humano. Marcuschi (2007) acredita que ela é um fenômeno de alta organização por exigir uma enorme coordenação de ações que extrapolam a simples habilidade linguística dos falantes. Nesse sentido, estão presentes na conversação materiais diversos, que são inseridos pelos interlocutores presentes na interação vivida: Goffman (2011) afirma que, muito além do enunciados verbais, há também os olhares, os gestos e os posicionamentos que cada falante assume, interncionalmente ou não. Do mesmo modo, um olhar descuidado, gestos inadequados, mudanças abruptas no tom de voz, a tomada ou não de um posicionamento acarretam possibilidades avaliativas sobre a imagem daquele que fala. Por esse motivo, os falantes munem-se de recursos de polidez, para manter a imagem de si, e recursos de cortesia e atenuação, para manter a imagem alheia.

Neste artigo, voltamo-nos para a utilização desses fatores via linguagem e buscamos analisar como a criança se relaciona com eles. Destacamos que não estamos considerando recursos de polidez ou cortesia na fala da criança, mas sim, na fala do outro com quem a criança interage: se considerarmos uma interação como uma “uma rede de *influências mútuas*” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 8, grifos do autor), entendemos que a fala do outro irá influenciar o dizer da criança. Assim, questionamo-nos: como a criança em fase de aquisição da linguagem experiencia a presença ou a ausência dos fatores citados na fala do outro com quem conversa, e de que modo isso influencia os deslocamentos que realiza via linguagem? Para respondermos a esse questionamento, apoiamo-nos em princípios da Linguística Interacional, principalmente Briz (2006), para trabalharmos com atenuação e cortesia, Brown e Levinson (1987), com foco na polidez, e Goffman (2011), na questão da ameaça e preservação da fachada.

Trabalhamos com um *corpus* constituído por interações de uma criança na faixa etária dos 2 anos a 2 anos e 7 meses, já constituído em pesquisas anteriores (DIEDRICH, 2015). Para os fins de análise deste estudo, selecionamos dois recortes que permitem analisar a relação da criança com os fatores anteriormente citados.



Este artigo está organizado do seguinte modo: considerações teóricas sobre cortesia, atenuação, polidez e ameaça à e preservação da fachada; uma discussão sobre as implicações dessas teorias na pesquisa com crianças em fase de aquisição da linguagem; a análise de dois recortes enunciativos selecionados; e a discussão das análises feitas.

2 CONCEITOS PERTINENTES

Goffman (2011) entende que em encontros sociais, face a face ou mediados por outrem, as pessoas tendem a desempenhar o que o autor chama de linha, um padrão de atos verbais e não verbais com o qual se expressa uma opinião sobre a situação, e, através disso, uma avaliação sobre os participantes, especialmente sobre si. Cada participante envolvido irá considerar a linha criada, intencionalmente ou não, pelo outro, e formular respostas e impressões a partir disso.

Com efeito, Goffman (2011, p. 15-16) se utiliza do termo fachada

como um valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que outros pressupõem que ela assumiu durante o contato particular. A fachada é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados.

Brown e Levinson (1987, p. 311, tradução livre) partem desse princípio de fachada e aprimoram o termo “como algo em que há investimento emocional e que está passível de ser perdida, mantida ou aprimorada, além de necessitar de constantes cuidados durante uma interação”. Trata-se, portanto, da experiência de determinados rituais sociais, inerentes a toda interação verbal e instituídos culturalmente, de forma a caracterizar a vida dos sujeitos em sociedade.

Além disso, ressalta-se que “manter uma fachada é uma condição da interação, e não o seu objetivo” (GOFFMAN, 2011, p. 21): ao iniciar-se uma interação, rompe-se com qualquer possibilidade de equilíbrio prévio àquela interação e os participantes entram tanto em modo defensivo, protegendo sua própria fachada, quanto protetor, tendo em vista proteger a do outro.



Ao tentar salvar a fachada dos outros, a pessoa precisa escolher um método que não levará à perda de sua própria fachada; ao tentar salvar sua própria fachada, ela precisa levar em consideração a perda de fachada dos outros que sua ação pode causar (GOFFMAN, 2011, p. 24).

Desse modo, interagir é estar num constante jogo de preservação da imagem que se cria de si e da imagem que se interpreta do outro, de modo que os falantes precisam se utilizar da língua para cuidar daquilo que construíram em determinado discurso e interação. Nesse contexto, entram os fatores de cortesia, polidez e atenuação, que se apresentam como diferentes modos de utilizar a língua a fim de manter a fachada de si e do outro.

Briz (2006) entende cortesia como um dos princípios que rege a dinâmica interacional. O autor ressalta que o êxito da comunicação é fruto de uma atividade conjunta entre, no mínimo, dois interlocutores que participam de uma interação, ou seja, a linguagem é vista como atividade social e a cortesia seria uma das principais atividades que influenciariam no êxito conversacional. Nesse sentido, trata-se de um fenômeno de aproximação do outro em busca de um equilíbrio social, considerando-se a relação com a imagem do falante e do ouvinte, com os custos e benefícios que conseguirão, ou com os direitos e obrigações de ambos.

Essa atividade social está dividida de dois modos: ou como norma de conduta social, ou como uma estratégia. O primeiro está associado à ideia de uma lógica cultural que ditaria ou aconselharia o uso da cortesia por parte do falante. É o que pode ser chamado de cortesia normativa, que muitas vezes apresenta um alto grau de ritualidade. De modo resumido, simplesmente se é cortês. Já o segundo modo apresenta-se como estratégia, na qual se possui um fim específico na conversa, que é distinto do simplesmente ser cortês, ou seja, se é estrategicamente cortês:

se trata de um processo mais complexo, [...] à medida que me afasto da mensagem, suavizo-a, evitando algo do que digo ou faço, com o objetivo de aproximar-me ou não me afastar demais do outro e, desse modo, evitar possíveis tensões, mal-entendidos, ameaças à própria imagem e, acima de tudo, à imagem alheia. Uma estratégia, portanto, de distância linguística ao mesmo tempo que uma estratégia de abordagem social (BRIZ, 2006, p. 228, tradução livre).

Destacamos, desse excerto, o fato de a preocupação com a imagem do outro estar acima da preocupação com a própria imagem e defendemos que aqui está a principal



diferença de foco entre cortesia e polidez, pois nesta a preocupação de ambos os interlocutores está na manutenção da imagem de si, pois busca-se aprovação da imagem que se projeta no discurso, de modo que ser polido é antes se preocupar com sua própria fachada, o que influencia o seu interlocutor a fazer o mesmo. Na cortesia, por sua vez, há uma preocupação em preservar a imagem de quem eu falo ou de que eu falo: ao optar por ser cortês e não rude com a imagem do outro, automaticamente protejo a mim. Ambos os fatores relevam uma relação de cooperação, mas há uma mudança no foco de preocupação com a imagem, a de si e a do outro.

Agindo de forma conjunta com os fatores de cortesia e polidez, está a atenuação, que consiste em não dizer tudo o que deve ser entendido, sem que isso interfira na compreensão daquilo que o falante desejou expressar. Dessa forma, atenuar o discurso requer necessariamente ser cortês ou polido, pois há preocupação com a imagem, mas também há um objetivo específico, que se classifica como uma estratégia atenuadora, ou seja, na interação coloquial, a atenuação não age apenas como modificadora semântica, mas também é pragmática. Concretamente, são estratégias de conversação que regulam o relacionamento interpessoal e social entre os participantes da enunciação, isto é, além do significado das palavras, afetam o valor intencional, o propósito do ato de fala.

Isso tudo demonstra o porquê da necessidade de os interactantes utilizarem recursos como polidez, cortesia e atenuação, pois são formas de remediar a ameaça à fachada em certos atos sociais. A proposta é que o uso desses recursos aumente na medida em que a ameaça à fachada aumenta. Isso também implica que não há necessidade de utilizar-se deles frente à ausência de ameaça à fachada (BROWN; LEVINSON, 1987).

Todos esses recursos previamente apresentados são, sem dúvida, necessários para o sucesso de uma interação e se fazem presentes em todas as formas de interação. Contudo, dominar tais fatores exigem do falante uma alta capacidade de domínio da língua e das situações de interação, muito tem a ganhar aquele que domina os usos da cortesia, da polidez e da atenuação. Isso nos leva a questionar a relevância de tais fatores no processo de aquisição da linguagem por uma criança. De que modo os usos desses recursos de preservação de fachada influenciam os usos que a criança faz da língua?

Ervin-Tripp, Guo e Lampert (1990) afirmam que crianças entre as idades de dois a quatro anos são preocupadas em aprender a agir e a falar como os outros de sua comunidade

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS



Para melhor entendermos essa relação da criança com a linguagem, ocupamo-nos de dois fatos de linguagem vivenciado por uma criança de 2 anos, 7 meses e 3 dias, em interações envolvendo, primeiramente, outra criança mais velha (sete anos), e, após, os adultos de seu convívio. Essas situações são expressas nos recortes enunciativos que seguem:

Recorte enunciativo 1: Já chega

Participantes: Dália, Ber e Mar.

Data da coleta: 27/12/2012.

Idade da criança: 2; 7; 3.

Situação: Dália e Ber disputam o domínio sobre um teclado de brinquedo enquanto Mar acompanha a brincadeira.

Dália	tu cant/canta um pouquinho e depois (...) dexa'u dexa'u/ ber já CHEGA	
	
corpo		Empurra Ber
Dália	não liga cãxxxx	
comentário	Dália faz um ruído com a boca como um chiado.	
Ber	eu não vô ligá dália	
Dália	tá ... não vai ligá ... NÃO ligá . não canta . não liga	
		[
Mar		cuidado que estraga dália
Dália	não liga. NÃO LIGA	
Ber	tá ... não vô ligá dália	
Dália	nããã!?	
corpo	Dália se encosta no corpo de Ber	
Ber	NÃO VOU LIGÁ	
Dália	vai pa lá sala	
	
corpo	Empurra Ber.	
Dália	vai pa sala vai pa lá sala	
Ber	eieeieie	

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS

comentário Ber liga o teclado.

Dália agora já CHEG/

Nesse recorte, Dália, criança foco de nosso estudo, instaura via língua uma “cortesia normativa”, que é esperada de seu interlocutor ao trazer à interação a ideia de que quando duas crianças estão em um contexto de brincadeira e estão dividindo o uso de um brinquedo, é cortês que cada uma tenha seu tempo e, quando este acabar, deve deixar o outro fazer uso do aparelho.

No entanto, Ber, a criança mais velha, não cumpre com esse ritual de cortesia ao não ceder o momento à Dália, ou seja, a cortesia está, aparentemente, ausente. Isso causa na criança respostas corporais mais agressivas, empurrando o colega e emitindo ordens negativas. Apesar de Ber tentar apaziguar o conflito por meio de negociações verbais, suas ações vão de desencontro com o que diz, revelando um simulacro de cortesia: mesmo que Ber afirme, pelo uso da língua, “eu não vô ligá dália”, que irá respeitar o ritual de cortesia instaurado por Dália e não ligar o brinquedo, suas atitudes mostram o contrário na medida em que continua realizando a ação de brincar com o teclado. Dália usa tons ascendentes, “NÃO LIGA”, como forma de impor seu ponto de vista não em relação ao que Ber diz, mas em relação ao que faz. Quando Ber afirma novamente que não vai ligar o brinquedo, o uso da negação alongada “nããã!?” marca o estranhamento da criança com a situação vivida, pois Ber marca a fala com aparentes aquiescências do que sugere Dália. Nesse sentido, o que se destaca aqui é o desencontro entre o que se diz e o que se fala. Ressaltamos que por se tratar de uma brincadeira, de tom informal, entre duas crianças, Ber não tem nenhuma preocupação com sua fachada, não há ameaças, no entanto, se vê impelido a simular a cortesia em função do papel que representa como o mais velho na relação interacional.

Nesse contexto de cortesia simulada, a criança se vê permitida a utilizar a gestualidade como imposição do dizer, como o empurrão, que é um gesto que acompanha a ordem “vai pa lá sala” e, portanto, constitui o dizer. Por fim, quando não consegue alcançar esse objetivo, usa tons ascendentes em “agora já CHEG/” para interromper a brincadeira. O importante para Dália é que Ber não ligue mais o teclado e ela usa dos meios disponíveis para realizar esse objetivo.

Caso diferente é o ocorrido no próximo recorte, o qual analisamos a seguir.

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS



Recorte enunciativo 2: Tirar as meias

Participantes: Dália, pai, mãe, tio

Data da coleta 30/06/2012

Idade da criança: 2;1;6

Situação: Dália senta no sofá ao lado do pai e do tio, sob olhar da mãe, e quer tirar as meias dos pés, sob protesto dos pais.

Dália tira a meia mãe
Mãe e por que tu tá tirando? nnãõ
tio dáli/ a dali/ a dália tá teimaaando?
Dália tá tudo tá suujo
tio tá sujo? e tem chulé aí no meio dos dedos?? EEca! que cheiro!
Dália: huumm
.....
corpo Leva o pé até o nariz para cheirar
tio huummmm eeeca
Dália tem dundé daqui mãe
pai não tira dalinha
Dália é só mais uma pai
tio tem dois pezinhos né? não tem só um
Dália tira pa mim pai!? aii
Dália tiráá a meia?
tio vai apanhá na bunda depois
pai não não é pra tirá a meia
Dália SIIMM
tio o que que a mamãe tá fazendo lá mãe Ó dália ó
tio hein dália? o que que a mamãe dizendo pra ti?
Dália pá
tio pra tirá a meiaa ou não tirá a meia?
pai a mãe não qué que TIre
Dália quero tiráá quero tiráá

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS



.....

corpo Tenta tirar a meia.
mãe por QUÊ? por que tirá meia?
tio tá fediiidaa?
Dália táá/ tá fedida maiis...
Corpo Joga a meia no chão.
Dália huumm chulé

.....

corpo Levanta o pé para o pai cheirar.
tio huummm aaaiii

Do mesmo modo que no recorte anterior, Dália tem um objetivo em mente nessa interação, tirar as meias apesar dos protestos dos pais. A diferença com o anterior está no fato dos pais e do tio estarem utilizando estratégias de polidez e de cortesia o tempo todo a fim de evitar conflitos e manterem suas fachadas.

De acordo com Goffman (2011, p. 45)

quando uma pessoa emite um enunciado ou uma mensagem, por mais trivial ou corriqueira, ela se compromete, e compromete aqueles a quem, se dirige, e num certo sentido, coloca todos os presentes em perigo. [...] Assim, quando uma pessoa oferece uma mensagem, contribuindo assim com o que facilmente poderia ser uma ameaça ao equilíbrio ritual, outra pessoa presente é obrigada a demonstrar que a mensagem foi recebida e que seu conteúdo é aceitável para todos os envolvidos, ou que pode ser contra-atacado aceitavelmente.

Desse modo, um dos meios mais comuns de se ameaçar a fachada de outro em uma interação é fazer um pedido, pois coloca o outro diante de uma situação delicada de aceite ou recusa, que pode prejudicar a si e ao outro. Dália, nesse recorte, coloca os pais diante dessa situação ao pedir a mãe que ela tire sua meia. A mãe automaticamente inicia com um recurso polido da pergunta “e por que você está tirando?”, ou seja, não inicia diretamente com a negação, mas se coloca como motivadora do diálogo, mostrando que sua imagem não é autoritária, mas compreensiva ao dar voz para criança.

Ressaltamos que o ambiente, diferentemente do recorte anterior, exige que os pais protejam suas fachadas, pois estão ameaçados. Para fazer essa afirmação, levamos em



consideração que não estão em seu contexto caseiro comum e têm noção da presença da câmera e da pesquisadora que filma toda a situação. Desse modo, não podem partir nem para uma abordagem mais impositiva, sob pena de mancharem sua fachada como figuras autoritárias e severas, nem podem deixar a criança agir como bem entender, pois podem parecer negligentes ou indiferentes diante de uma criança que está se comportando mal. Por isso, os fatores de polidez crescem na fala dos pais, muito cuidadosos, e o tio usa-se de termos corteses, preocupado com a fachada dos pais.

A criança justifica o ato de tirar as meias com o argumento do mau cheiro; o tio, em tom descontraído, cheira os pés da criança e aceita seus argumentos como um modo de evitar tensões. Isso faz com que a criança não se exalte como no recorte anterior, mas mantenha o seu tom argumentativo. O pai usa o diminutivo, “dalinha”, para negar o pedido sem prejudicar sua imagem, demonstrando seu carinho sem perder sua autoridade. O tio, percebendo a situação, faz uma ameaça em tom leve de que a criança iria apanhar após essa cena, o que revela certa cortesia para com os pais, pois retira deles a necessidade de fazer ameaças. É interessante que o único momento em que a criança aumentou o tom de voz, com o uso de “SIIMM”, foi após uma ameaça. Para evitar mais conflitos, a situação volta para o argumento do mau cheiro, e as pessoas, preocupadas com suas fachadas, ignoram o fato de a criança ter, por fim, tirado as meias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, analisamos como a criança se relaciona via linguagem com os fatores de polidez, cortesia e atenuação, quando estes estão presentes ou ausentes na fala daqueles com quem a criança conversa e de que modo isso influencia o dizer da criança. Pudemos observar, nos dois recortes analisados, os deslocamentos que a criança realiza via linguagem. Quando seu interlocutor não segue as regras de cortesia, a criança age com rebeldia e indisciplina; quando os outros são cuidadosos com a linguagem, a criança se utiliza disso para argumentar de forma mais harmônica. Propomo-nos, assim, não analisar se a criança é ou não polida ou cortês, ou se utiliza de marcadores de polidez, cortesia e atenuação, mas sim, investigar o



modo como ela reage diante desses fatores na fala do outro e como isso influencia seu próprio dizer.

Com efeito, a criança em si não é polida ou cortês, nem aparenta preocupação com a manutenção de uma imagem. Goffman (2011) afirma que as sociedades precisam mobilizar seus membros para que estes possam vir a ser autorreguladores dos encontros sociais. Desse modo, o indivíduo precisa ser “ensinado a ser perceptivo, a ter sentimentos ligados ao eu e um eu expresso pela fachada, a ter orgulho, honra e dignidade, a ter consideração, tato e uma certa quantidade de aprumo“ (GOFFMAN, 2011, p. 51). Assim, na medida em que a criança se insere na linguagem, também se insere na cultura de seu contexto de convívio.

Desse modo, é possível afirmar que a criança, em fase de aquisição da linguagem, mesmo que não domine os fatores de polidez e cortesia para evitar danos à própria imagem ou à imagem alheia, é influenciada pelos outros de seu convívio e consegue apropriar-se dos usos que os outros fazem da língua e incorporá-los em seu discurso, até mesmo como forma de argumentação, o que nos leva a pensar em um início da aquisição das técnicas de polidez e cortesia.

Os fatos analisados revelam um deslocamento da criança via linguagem devido a sua capacidade de analisar a intervenção do outro em diferentes situações conversacionais e a partir disso derivar os comportamentos, verbais ou não verbais, adequados para aquela situação vivida. Ressaltamos que não são casos de repetição ou de imitação da fala do outro, mas representam uma reflexão do que o outro diz e uma construção conjunta de uma conversa com fins específicos. Assim, a criança constrói seu discurso sempre em relação ao outro com quem interage, e suas escolhas serão mais ou menos polidas dependendo da postura assumida por esse outro.

REFERÊNCIAS

BRIZ, Antonio. Atenuación y cortesía verbal en la conversación coloquial: su tratamiento en la clase de ELE. In: *Actas del programa de formación para profesorado de ELE*. Munich: Instituto Cervantes, p. 227-255. 2006. Disponível em: <https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/publicaciones_centros/PDF/munich_2005-2006/02_briz.pdf>. Acesso em: 10 de nov. 2018.



BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. Politeness: some universals in language. Cambridge, *Cambridge University Press*, 1987.

DIEDRICH, Marlete Sandra. *Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/130026>>. Acesso em 01 de out. 2018.

ERVIN-TRIPP, Susan; GUO, Jiansheng; LAMPERT, Martin. Politeness and persuasion in children's control acts. *Journal of Pragmatics*, v. 14, n. 2, North Holland, 1990, p. 307-331.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LEVINSON, Stephen. *Pragmatics*. Cambridge, Cambridge Univ. Press. 1983.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Análise da Conversação*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2007.